

# O BANQUETE DA REALEZA E A FATURA DOS SÚDITOS

Mais de 812 mil reais. Esse foi o custo da estadia da comitiva presidencial em solo alemão, uma cifra que, por si só, já afronta o cotidiano de privações do cidadão comum. O valor torna-se ainda mais acintoso quando detalhado: a hospedagem no luxuoso Kastens Hotel Luisenhof, em Hanover, consumiu exatamente **R\$ 812.548,59 em apenas dois dias**. Para completar o cenário de absoluto descolamento da realidade nacional, somaram-se mais R\$ 17,2 mil destinados a uma sala de apoio que, segundo informações, sequer teve serventia prática. Enquanto o discurso oficial prega a necessidade de sacrifícios e austeridade para o contribuinte, a corte revela um apetite insaciável pelo luxo internacional.

Este episódio na Alemanha é apenas a ponta de um iceberg. Desde o início do mandato, o governo já movimentou mais de R\$ 1,4 bilhão em cartões corporativos, uma caixa-preta que financia o bem-estar da cúpula do poder longe dos olhos do contribuinte. As viagens internacionais, que se tornaram a marca registrada de uma gestão que parece mais preocupada com o brilho dos palcos externos do que com as chagas abertas do mercado interno, já beiram a cifra de R\$ 1 bilhão — precisamente R\$ 972 milhões até o momento. Somente nos primeiros meses de 2025, foram gastos mais de R\$ 44 milhões em 16 passeios ao exterior. É uma "diplomacia do luxo" que não hesita em escolher o que há de mais caro no cardápio global.

O contraste entre a vida da "realeza petista" e a realidade das famílias brasileiras é brutal e vergonhoso. Enquanto a comitiva desfruta de suítes de alto padrão, impressionantes 80,4% das famílias brasileiras lutam contra o endividamento. O número de brasileiros inadimplentes é equivalente a quase toda a população da Alemanha: são mais de 81 milhões de pessoas tentando sobreviver em um mar de boletos vencidos e ligações de cobrança. O rotativo do cartão de crédito, o último recurso de quem precisa comprar comida para chegar ao fim do mês, atinge surreais 436% ao ano.

Para o brasileiro comum, o horizonte é de uma armadilha financeira coletiva. A dívida pública bruta já bate os 79,2% do PIB e caminha a passos largos para superar os 83,6% em 2026. Isso significa que o governo gasta muito mais do que arrecada e, para cobrir esse buraco, mantém os juros nas alturas, o que encarece o crédito, freia o investimento e pune o pequeno empreendedor. O resultado é um ciclo vicioso onde o povo trabalha o mês inteiro apenas para transferir sua renda para o sistema financeiro na forma de juros absurdos e para o Estado na forma de impostos recordes. É o fenômeno do "escravo moderno": o cidadão produz a riqueza, mas não fica com ela; ela é drenada para sustentar o déficit público e as mordomias de uma classe política que se diz defensora dos pobres, mas que se comporta como uma aristocracia desligada das dores de seus súditos.

É um divórcio moral absoluto com a nação. O brasileiro médio hoje vive com a corda no pescoço, escolhendo qual conta deixará de pagar para conseguir colocar comida na mesa, enquanto assiste, pelas redes sociais, à ostentação de uma comitiva que ignora o preço da gasolina, o valor do aluguel e o desespero de quem não consegue sair do cheque especial. A conta é alta demais para ser paga por um povo que já entregou tudo o que tinha, restando-lhe apenas a indignação contra uma realeza que dorme em berço de ouro às custas do sofrimento alheio.

- **Luxo oficial:** Diárias milionárias e estrutura de alto padrão no exterior.
- **Povo endividado:** Famílias pressionadas por dívidas, juros e inadimplência.
- **Ciclo perverso:** Déficit público, juros altos e transferência de renda ao Estado e ao sistema financeiro.

